



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de abertura da II Cúpula do Ibas**

Johanesburgo, 17 de outubro de 2007

Meu caro amigo presidente da República da África do Sul, Thabo Mbeki,
Meu caro amigo primeiro-ministro da República da Índia, Singh,
Senhores ministros integrantes das delegações da África do Sul, da
Índia e do Brasil,

Parlamentares representando aqui o Poder Legislativo dos três países,
Demais convidados,

Primeiro, Mbeki, quero lhe dar os parabéns porque em 2010 teremos aqui a realização da Copa do Mundo, e felicita-lo porque a África do Sul resolveu contratar um técnico brasileiro, com experiência em ganhar títulos mundiais, e eu acho que a África do Sul contratou um bom técnico, que é o Parreira. Boa sorte.

É uma alegria poder retornar à África do Sul e reencontrar meus amigos, o presidente Mbeki e o primeiro-ministro Singh, nesta segunda Reunião de Cúpula do Ibas.

Desde sua criação, em 2003, nossa aliança atraiu curiosidade e enfrentou ceticismo. Mas, sobretudo, suscitou esperanças.

A primeira Cúpula, que o Brasil teve a honra de acolher, acelerou o processo e mostrou o acerto de nossa iniciativa.

O Ibas expandiu suas atividades e se firmou como instrumento de aproximação entre nossos três países. Constituímos um foro de diálogo que confere a nossos países uma presença ainda mais relevante neste mundo cheio de injustiças e desigualdades. Mostra que os países em desenvolvimento podem ter uma inserção internacional altamente qualificada.



Neste momento de transição que estamos vivendo desde o fim do século XX, é necessário construir novas instâncias decisórias, sobretudo no plano multilateral.

Os países em desenvolvimento têm de estar representados de modo compatível com sua importância no mundo. É uma mudança necessária para assegurar legitimidade e eficácia aos foros internacionais.

Senhoras e senhores,

O Ibas vem mostrando capacidade de interlocução em vários temas da agenda global. Isso reflete nossa credibilidade, nossa presença diplomática e nossa capacidade de contribuir para a construção de uma ordem internacional mais justa e democrática.

Juntamos nossas vozes em defesa da reforma das Nações Unidas, que precisa refletir a realidade atual, sob pena de se desacreditar. A ampliação do número de membros permanentes do Conselho de Segurança tornou-se um dos imperativos da nova correlação de forças.

O tema já foi longamente debatido. Agora chegou a hora de tomar decisões. Foi esse sentido de urgência que nos uniu no co-patrocínio à iniciativa indiana de dar renovado ímpeto à reforma da Organização.

Integramos o grupo de países em desenvolvimento, que mantém um diálogo estruturado com o G-8. Mas este mecanismo tem de ser aperfeiçoado de modo que nossa voz tenha influência real no tratamento dos grandes temas mundiais. De pouco vale sermos convidados para a sobremesa no banquete dos poderosos.

Na OMC, a existência do Ibas e o bom entendimento entre nossos países contribuíram para a formação do G-20. Os países do Sul decidiram unir-se e fazer valer seu peso nas negociações multilaterais. Juntamos forças por nossos interesses na Rodada de Doha. E ousou dizer: mudamos para sempre o padrão das negociações na OMC.



Essa Rodada já mostrou que as negociações internacionais não podem ser mais o reflexo puro e simples das agendas de um número reduzido de países desenvolvidos.

Com o G20, nossos países deram mostras da capacidade de dar voz e consistência aos reclamos do mundo em desenvolvimento na questão central da Rodada, a agricultura.

Sigo com a convicção de que o objetivo de um resultado justo e equilibrado é desejável e possível. Mantemos a disposição para chegar a um compromisso satisfatório para todos. Mas esse compromisso deve beneficiar, sobretudo, os países mais pobres. Afinal, trata-se de uma Rodada para o desenvolvimento.

Neste momento crucial, o diálogo e a concertação entre nossos países e com as outras nações em desenvolvimento são ferramentas essenciais para levar as negociações a bom termo. Na área de meio ambiente também temos muito a dizer.

Devemos dar tratamento político integrado a toda a agenda ambiental. Apresentei há três semanas, nas Nações Unidas, a proposta de sediar no Brasil, em 2012, uma Conferência Rio+20. Nossa proposta é avaliar o que fizemos desde a Rio-92 e definir o caminho a seguir.

Amigo Presidente e amigo Primeiro-Ministro,

Estamos ampliando a cooperação trilateral e diversificando nossas áreas de interesse.

O Fundo Ibas para Combate à Fome e à Pobreza é um motivo de orgulho. Traduz, de forma concreta, uma nova proposta de solidariedade internacional. Somos países em desenvolvimento que unem suas forças para ajudar os mais pobres. Provamos que não é preciso ser rico para ser solidário.

Foi com justificada satisfação que recebemos o prêmio da ONU aos projetos desenvolvidos pelo Ibas no Haiti e na Guiné-Bissau. Estão em estudo



iniciativas que beneficiarão Burundí e outros países pobres da África, da Ásia e da América Latina.

Como prova de nosso empenho em aprofundar a cooperação e ampliar o número de beneficiários, o Brasil fez nova contribuição ao Fundo Ibas, no valor de um milhão de dólares. Com isso, já passa de três milhões e meio de dólares o aporte brasileiro.

Amigas e amigos,

Os contatos entre empresários, em Johannesburgo, contribuirão para o crescimento de nossas economias e a ampliação do comércio trilateral. Índia e África do Sul são, individualmente, parceiros comerciais de primeira linha do Brasil.

É preciso, agora, agirmos com decisão para viabilizar um acordo trilateral que envolva o Mercosul, a Sacu e a Índia. Enviei mensagens a todos os líderes dos países potencialmente envolvidos nesta iniciativa. Mas conto com o apoio do presidente Mbeki e do primeiro-ministro Singh neste esforço.

Esse acordo formará a maior área de livre comércio do mundo em desenvolvimento, com quase um bilhão e meio de pessoas e um Produto Interno Bruto de mais de dois trilhões de dólares. Será, se quisermos, o Grande Espaço Econômico do Sul.

Reitero o compromisso brasileiro de oferecer, nas negociações trilaterais, tratamento diferenciado aos países africanos com economias mais vulneráveis. Também as pequenas economias do Mercosul merecem tratamento especial.

Temos de ampliar o impacto social e redistributivo de nossas ações. Devemos também privilegiar a inclusão tecnológica como parte do processo educativo que dará cidadania plena às nossas populações.

O Ibas avançou na área de ciência e tecnologia, com a constituição de um fundo para pesquisas integradas em diversos campos.



É igualmente importante que nos ajudemos mutuamente no fortalecimento de nossas instituições e na modernização do Estado. Os acordos que vamos firmar em administração pública e tributária são passos nessa direção.

Temos que continuar envolvendo a sociedade civil de nossos países nas atividades do Ibas. Saúdo a realização, no contexto desta Cúpula, do Fórum de Mulheres, do Encontro Parlamentar e do Seminário Acadêmico.

Amigas e Amigos,

África do Sul, Índia e Brasil se associaram no Ibas para consolidar seus respectivos projetos nacionais e garantir uma presença internacional comum.

Estamos unidos por visões comuns de mundo, inspiradas em sociedades democráticas, multiétnicas e multiculturais.

Nossas ações de cooperação têm tido impacto real na vida de populações carentes, estejam elas em nossos próprios países ou em países em desenvolvimento mais pobres, onde temos projetos.

O Ibas é um instrumento para encurtar distâncias físicas, políticas e econômicas.

Como disse o primeiro-ministro Singh, é uma associação que beneficia não só os nossos países, mas toda a Humanidade.

Tenho certeza de que esta Cúpula será mais um passo para alcançar esse ideal.

Obrigado, Presidente.